

PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER

3

VOLUME



PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER

3

VOLUME





O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do SCISAUDE. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.



LICENÇA CREATIVE COMMONS

A editora detém os direitos autorais pela edição e projeto gráfico. Os autores detêm os direitos autorais dos seus respectivos textos. PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 3 de [SCISAUDE](https://www.scisaude.com.br) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/). (CC BY-NC-ND 4.0). Baseado no trabalho disponível em <https://www.scisaude.com.br/catalogo/planejamento-e-gestao-em-saude-da-mulher-3/80>

2025 by SCISAUDE

Copyright © SCISAUDE

Copyright do texto © 2025 Os autores

Copyright da edição © 2025 SCISAUDE

Direitos para esta edição cedidos ao SCISAUDE pelos autores.

Open access publication by SCISAUDE

ORGANIZADORES

Me. Iara Nadine Vieira da Paz Silva

<http://lattes.cnpq.br/3158922554159966>

<https://orcid.org/0000-0002-5027-200X>

Dr. Avelar Alves da Silva

<http://lattes.cnpq.br/8204485246366026>

<https://orcid.org/0000-0002-4588-0334>

Esp. Lennara Pereira Mota

<http://lattes.cnpq.br/3620937158064990>

<https://orcid.org/0000-0002-2629-6634>

Dra. Karla Heline Pereira de Mesquita

<http://lattes.cnpq.br/7023779756131558>

Esp. Ana Carolina Alves de Andrade Silva

<http://lattes.cnpq.br/9106650655468678>

<https://orcid.org/0009-0006-1371-256X>

Editor chefe

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Projeto gráfico

Lennara Pereira Mota

Diagramação:

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Lennara Pereira Mota

Revisão:

Os Autores

Conselho Editorial

Ana Flavia de Oliveira Ribeiro	Elane da Silva Barbosa	Juliane Maguetas Colombo Pazzanese
Ana Florise Morais Oliveira	Francine Castro Oliveira	Júlia Maria do Nascimento Silva
André de Lima Aires	Giovanna Carvalho Sousa Silva	Kaline Malu Gerônimo Silva dos Santos
Angélica de Fatima Borges Fernandes	Heloísa Helena Figuerêdo Alves	Laíza Helena Viana
Camila Tuane de Medeiros	Jamile Xavier de Oliveira	Leandra Caline dos Santos
Camilla Thaís Duarte Brasileiro	JEAN CARLOS LEAL CARVALHO DE MELO FILHO	Lennara Pereira Mota
Carla Fernanda Couto Rodrigues	João Paulo Lima Moreira	Luana Bastos Araújo
Daniela de Castro Barbosa Leonello	Juliana Britto Martins de Oliveira	Maria Isabel Soares Barros
Dayane Dayse de Melo Costa	Juliana de Paula Nascimento	Maria Luiza de Moura Rodrigues
Maria Vitalina Alves de Sousa	Raissa Escandiusi Avramidis	Wesley Romário Dias Martins
Maryane Karolyne Buarque Vasconcelos	Renata Pereira da Silva	Wilianne da Silva Gomes
Paulo Sérgio da Paz Silva Filho	Sanny Paes Landim Brito Alves	Willame de Sousa Oliveira
Mayara Stefanie Sousa Oliveira	Suellen Aparecida Patricio Pereira	Naila Roberta Alves Rocha
Michelle Carvalho Almeida	Thamires da Silva Leal	Neusa Camilla Cavalcante Andrade Oliveira
Márcia Farsura de Oliveira		



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Planejamento e gestão em saúde da mulher [livro eletrônico] : 3 volume / organizadores Iara Nadine Vieira da Paz Silva...[et al.]. --
Teresina, PI : SCISAUDE, 2025.
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Avelar Alves da Silva,
Lennara Pereira Mota, Karla Heline Pereira de
Mesquita.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85376-68-6

1. Artigos científicos - Coletâneas 2. Ginecologia
3. Maternidade 4. Mulheres - Saúde mental
5. Multidisciplinaridade 6. Saúde da mulher
7. Saúde pública I. Silva, Iara Nadine Vieira da Paz.
II. Silva, Avelar Alves da. III. Mota, Lennara
Pereira. IV. Mesquita, Karla Heline Pereira de.

25-274892

CDD-613.04244

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde da mulher : Medicina 613.04244

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



10.56161/sci.ed.20250527



978-65-85376-68-6



SCISAUDE

Teresina – PI – Brasil

scienceesaude@hotmail.com

www.scisaude.com.br





APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos o eBook " PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 3", uma obra essencial para todas as mulheres que desejam entender melhor o funcionamento do seu corpo, cuidar da saúde e viver de forma plena e equilibrada.

Este eBook foi cuidadosamente elaborado para oferecer informações acessíveis e baseadas em evidências científicas, cobrindo temas fundamentais para a saúde feminina em todas as fases da vida. Desde a puberdade até a menopausa, passando pela maternidade e os desafios do envelhecimento, nosso eBook aborda com profundidade e clareza os principais aspectos da saúde da mulher.

Questões como saúde reprodutiva, prevenção de doenças, bem-estar mental e emocional, nutrição, exercícios físicos e cuidados preventivos são tratados de forma abrangente, permitindo que você tome decisões informadas sobre sua saúde. Além disso, o eBook oferece dicas práticas e orientações que podem ser facilmente integradas ao seu dia a dia, ajudando você a adotar hábitos saudáveis e prevenir problemas futuros.

Queremos empoderar as mulheres com conhecimento, promovendo uma vida mais saudável e feliz. Este eBook é indicado tanto para mulheres que desejam cuidar melhor de si mesmas quanto para profissionais da saúde que buscam aprofundar seus conhecimentos sobre o universo feminino. Com uma linguagem clara e objetiva, ele se torna uma leitura indispensável para quem se preocupa com o bem-estar e a qualidade de vida.

Boa Leitura!!!



CAPÍTULO 1.....	9
PLANEJAMENTO REPRODUTIVO E DIREITOS SEXUAIS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	9
CAPÍTULO 2.....	19
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE DE GESTANTES E CRIANÇAS: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA.....	19
CAPÍTULO 3.....	28
CUIDADO INTEGRAL E INTERDISCIPLINARIDADE: A FORÇA DAS EQUIPES MULTIPROFISSIONAIS NA SAÚDE COLETIVA.....	28
CAPÍTULO 4.....	39
SAÚDE MENTAL DA MULHER COMO UMA QUESTÃO DE SAÚDE COLETIVA	39
CAPÍTULO 5.....	48
AMOR, SEXO E ENVELHER: UMA EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO TERAPÊUTICO OCUPACIONAL COM IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS	48
CAPÍTULO 6.....	63
ENTRE O SOFRIMENTO MATERNO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO SOBRE DEPRESSÃO PÓS-PARTO	63
CAPÍTULO 7.....	73
JOGO DE TABULEIRO COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE INCONTINÊNCIA URINÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	73
CAPÍTULO 8.....	84
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MALÁRIA NO ESTADO DO PARÁ- UMA ANÁLISE DOS ANOS 2023 E 2024	84
CAPÍTULO 9.....	94
TENDÊNCIAS DE CESÁRIAS NO ESTADO DO PARÁ DURANTE 2018 A 2023: ANÁLISE POR REGIÃO	94
CAPÍTULO 10.....	101
A REPRODUÇÃO ASSISTIDA COMO ALTERNATIVA PARA A MATERNIDADE APÓS DOENÇA TROFOBLÁSTICA GESTACIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	101
CAPÍTULO 11.....	113
ATENÇÃO HUMANIZADA À VINCULAÇÃO MÃE BEBÊ NO CONTEXTO DA AMAMENTAÇÃO: PERSPECTIVAS PARA PRÁTICA EM SAÚDE	113
CAPÍTULO 12.....	125
DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO MANEJO DA SÍFILIS GESTACIONAL: REVISÃO DE LITERATURA	125
CAPÍTULO 13.....	140

HORA OURO: OS BENEFÍCIOS DO PRIMEIRO CONTATO ENTRE MÃE E NEONATO.....	140
CAPÍTULO 14.....	160
SUPLEMENTAÇÃO UNIVERSAL DE CÁLCIO PARA GESTANTES NO BRASIL: EVIDÊNCIAS, DESAFIOS E IMPLICAÇÕES	160
CAPÍTULO 15.....	173
ATIVIDADES EXTENSIONISTAS SOBRE SEXUALIDADE, FUNÇÃO, PRÁTICAS E POSIÇÕES SEXUAIS NA GESTAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	173
CAPÍTULO 16.....	182
ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE FISIOTERAPIA NAS DISFUNÇÕES SEXUAIS FEMININA	182
CAPÍTULO 17.....	197
ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA NA PREVENÇÃO DE LACERAÇÕES PERINEAIS EM PARTO VIA VAGINAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	197
CAPÍTULO 18.....	212
USO DE MEDIDAS NÃO FARMACOLÓGICAS MATEERNAS NO ALÍVIO DA DOR DOS RECÉM-NASCIDOS: REVISÃO INTEGRATIVA	212
CAPÍTULO 19.....	227
USO TERAPÊUTICO DA CURCUMINA NA MELHORA DA ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO	227
CAPÍTULO 20.....	240
AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO CUIDADO À SAÚDE DA MULHER.....	240
CAPÍTULO 21.....	250
FATORES DESENCADEANTES DO DESMAME PRECOCE NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA	250
CAPÍTULO 22.....	265
ENTRE ESPELHOS PARTIDOS E ALGORITMOS: A INFLUÊNCIA DOS DISCURSOS DA MACHOSFERA NA SUBJETIVIDADE ADOLESCENTE.....	265
CAPÍTULO 23.....	284
METODOLOGIAS DECOLONIAIS NA IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIAS RACIAIS E DE GÊNERO CONTRA MULHERES NEGRAS.....	284
CAPÍTULO 24	304
VIVÊNCIAS TERAPÊUTICAS: PRÁTICA TERAPÊUTICA OCUPACIONAL GRUPAL NA UNIDADE DE CUIDADO INTERMEDIÁRIO NEONATAL CANGURU	304
CAPÍTULO 25	320
METODOLOGIAS DECOLONIAIS NA IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIAS RACIAIS E DE GÊNERO CONTRA MULHERES NEGRAS.....	320
CAPÍTULO 26	339

ALTERAÇÕES NA FUNÇÃO SEXUAL DE GESTANTES DE RISCO HABITUAL: ESTUDO TRANSVERSAL.....	339
CAPÍTULO 27	353
INTERVENÇÕES NUTRICIONAIS NO TRATAMENTO E SINTOMATOLOGIA DE MULHERES PORTADORAS DA SÍNDROME DO OVÁRIO POLICÍSTICO	353
CAPÍTULO 28	367
O PAPEL DA ENFERMEIRA NO ALEITAMENTO MATERNO COM MÃES EM DEPRESSÃO PÓS-PARTO: REVISÃO DE LITERATURA.....	367
CAPÍTULO 29	378
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE RELACIONADA AO CÂNCER DE MAMA: REVISÃO INTEGRATIVA.....	378
CAPÍTULO 30	394
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA SALA DE ESPERA DO PRÉ-NATAL ESPECIALIZADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	394
CAPÍTULO 31	404
CARACTERÍSTICAS EPIDEMIOLÓGICAS DOS ÓBITOS MATERNOS OCORRIDOS NO BRASIL, 2013–2023	404
CAPÍTULO 32	419
ATUAÇÃO E PERCEPÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A) DIANTE DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER E DO GASLIGHTING.....	419
CAPÍTULO 33.....	436
CONTRIBUIÇÕES DOS MÉTODOS DE IMAGEM PARA ANÁLISE E DIAGNÓSTICO DA ENDOMETRIOSE.	436

CAPÍTULO 32

ATUAÇÃO E PERCEPÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A) DIANTE DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER E DO GASLIGHTING

THE OPERATION AND PERCEPTION OF PSYCHOLOGISTS REGARDING PSYCHOLOGICAL VIOLENCE AGAINST WOMEN AND GASLIGHTING

 10.56161/sci.ed.2025052732b

Vitória Antão de Carvalho Rosa

Universidade Estadual do Piauí

<https://orcid.org/0009-0003-2196-6779>

Patrícia Melo do Monte

Universidade Estadual do Piauí

<https://orcid.org/0000-0002-1072-2862>

RESUMO:

INTRODUÇÃO: A violência contra a mulher é um problema estrutural e pode se manifestar de diversas formas. Nessa pesquisa, foi ampliado o estudo sobre a violência psicológica associada ao gênero e o *gaslighting* (manipulação), o qual refere-se a uma prática de manipulação com objetivo de fazer a vítima questionar sua sanidade e capacidades mentais.

OBJETIVO: Este estudo objetivou analisar a violência psicológica contra a mulher e o fenômeno do *gaslighting* em relacionamentos heteronormativos na perspectiva de psicólogos que atuam nesse contexto, bem como compartilhar estratégias e experiências de atuação, a fim de promover maior especialização no serviço realizado por psicólogos e/ou outros profissionais da rede direcionado a mulheres em situação de violência. **METODOLOGIA:** Foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória, a partir de entrevistas online ou presenciais com psicólogas que atuam no Estado do Piauí, com análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Os resultados apontam que relacionamentos perpassados pelo *gaslighting* e pela violência psicológica são caracterizados pelo controle, isolamento e manipulação, bem como, geralmente, são mascarados por um “discurso do cuidado”. Também foi possível verificar as estratégias éticas e articuladas de atuação dos psicólogos e suas contribuições no processo de desvinculação, ressignificação e elaboração de novos projetos de vida. **CONCLUSÕES:** Conclui-se o impacto da manifestação do *gaslighting* e da violência psicológica na vida das mulheres e a efetividade das contribuições do acompanhamento psicológico em demandas de violência, compreendendo assim, a importância da inserção e

ampliação da presença de psicólogos na rede intersetorial de enfrentamento à violência de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Gaslighting. Violência psicológica. Violência contra mulheres. Psicologia. Atuação profissional

ABSTRACT:

INTRODUCTION: Violence against women is a structural problem and can manifest itself in various ways. This research expanded the study on psychological violence associated with gender and gaslighting (manipulation), which refers to a manipulation practice aimed at making the victim question their sanity and mental capacities. **OBJECTIVE:** This study aimed to analyze psychological violence against women and the phenomenon of gaslighting in heteronormative relationships from the perspective of psychologists working in this context, as well as to share strategies and experiences of action, in order to promote greater specialization in the service provided by psychologists and/or other professionals in the network directed at women in situations of violence. **METHODOLOGY:** A qualitative, exploratory research was carried out, based on online or face-to-face interviews with psychologists working in the State of Piauí, with content analysis, from Bardin's perspective. **RESULTS AND DISCUSSION:** The results indicate that relationships marked by gaslighting and psychological violence are characterized by control, isolation, and manipulation, and are generally masked by a "discourse of care." It was also possible to verify the ethical and articulated strategies employed by psychologists and their contributions to the process of detachment, re-signification, and the development of new life projects. **CONCLUSIONS:** The impact of gaslighting and psychological violence on women's lives is evident, as is the effectiveness of psychological support in cases of violence. This highlights the importance of including and expanding the presence of psychologists in the intersectoral network for combating gender-based violence.

KEYWORDS: Gaslighting. Psychological violence. Violence against women. Psychology. Professional performance.

1. INTRODUÇÃO

A vida social, costumes, relacionamentos afetivos, comportamentos, corpo, pensamentos e sentimentos são formados e consolidados a partir de um conjunto de práticas referentes ao gênero que fomenta um sistema de desigualdades. Os sujeitos resultam da estruturação social patriarcal, marcada por discursos machistas e sexistas naturalizados, algumas vezes imperceptíveis e enraizados na cultura, nos quais há uma construção social de papéis de gênero, ou seja, do que é “ser mulher” e do que é “ser homem”, das “feminilidades” e “masculinidades” (Souza, 2017). Nessa perspectiva, a violência contra a mulher é um problema estrutural.

Dessa forma, a conjuntura social influencia a criação dos vínculos afetivos, desenhando o modo como as relações são construídas, bem como colabora na formação de um sistema de silêncio, estimulando a vulnerabilidade e submissão das mulheres, as quais tentam

constantemente encaixar-se no ideal romântico de relacionamentos, conseqüentemente fomentando a permanência no ciclo da violência doméstica. Este termo foi elaborado pela psicóloga norte-americana Lenore Walker (1979), a qual identificou que as agressões cometidas em um contexto conjugal ocorrem conforme um padrão e ciclo formado por três fases que são constantemente repetidas e consistem em momentos de aumento das tensões, ameaças e humilhações, realização dos atos de agressão e demonstração de arrependimento por parte do agressor, podendo ou não obedecer à ordem das fases (Lucena et al., 2016).

A Lei nº 11.340/06, intitulada como Lei Maria da Penha, prevê a violência psicológica como uma das formas de violência doméstica e familiar, além da violência física, moral, sexual, patrimonial (BRASIL, 2006). Essa forma de violência é definida como qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância, perseguição, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006).

Nessa perspectiva, pode-se ampliar o estudo da violência psicológica a partir da pesquisa sobre o *gaslighting* (manipulação), termo designado para caracterizar um modo de abuso emocional que utiliza a manipulação para fazer a vítima questionar sua sanidade e capacidades mentais (Stern, 2007). O termo *gaslighting* foi cunhado pelo dramaturgo Patrick Hamilton, na peça *Gas light* (1938), e passou a ser conhecido com o filme *À Meia-luz (Gaslight)*, de 1944, de George Cukor. Nesse filme, o esposo da personagem Paula, Gregory, tenta convencê-la de que está perdendo objetos, ouvindo e vendo coisas que não existem, como por exemplo as luzes da casa piscando. Em decorrência dessa manipulação, Paula começa a duvidar da própria sanidade mental. Ademais, o termo foi adicionado ao *Oxford English Dictionary* em 2004, definido como um tipo de abuso ou manipulação psicológica (Sarkis, 2019).

O *gaslighting* pode ser praticado por homens e mulheres e pode ocorrer em relacionamentos amorosos, familiares, sociais e de trabalho (Sarkis, 2019). No entanto, o presente estudo possui como foco a perspectiva da violência contra a mulher em relacionamentos conjugais heteronormativos. Nessa conjuntura, relacionamentos abusivos podem ser marcados pela presença do *gaslighting*, o qual consiste em praticar ações no

cotidiano com o objetivo de fazer com que a vítima duvide da sua sanidade mental, percepção da realidade, pensamentos, memórias, atitudes e sentimentos, bem como acredite que está com confusão mental, ou que algum evento ocorreu diferentemente de como ela se recorda (Kosak, Pereira, Inácio, 2021).

Segundo os mesmos autores, nessa prática são utilizadas com recorrência e, geralmente, com o propósito de justificar alguma ação errada do agressor(a) frases como, “você está louca”, “você está exagerando”, “você é muito sensível”, “mas eu só estava brincando”, “você está delirando”. Dessa forma, entende-se que a violência psicológica é uma das causas das mulheres permanecerem em relacionamentos nos quais ocorrem violência física (Jimenez, Varela, 2017).

De modo análogo, o *gaslighting* pode ser usado como estratégia de controle sobre a vítima por minar a sua autoestima, bem como tende a durar e se intensificar gradualmente, dificultando a percepção da vítima. Isso porque, nesses casos, a manipulação é um padrão de comportamento, não algo ocasional.

Segundo 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2025) 51.866 mulheres sofreram violência psicológica no Brasil no ano de 2024. Diante disso, este estudo se justifica por reconhecer a magnitude de ocorrência do *gaslighting*, bem como a gravidade dos seus impactos, suas influências em diversos contextos e a importância de se atuar em relação a violência psicológica para prevenir o agravo desses atos dentro do ciclo da violência, podendo chegar até o feminicídio. Por conseguinte, é necessário um estudo de base científica para compreender melhor esse tema, a fim de construir novos conhecimentos que colaborem para a atuação mais efetiva e ética dos profissionais que trabalham na defesa da segurança, saúde física e psicológica, bem como dos direitos das mulheres, especialmente psicólogos.

O estudo da violência psicológica e *gaslighting* contra a mulher com enfoque na atuação do psicólogo é de suma importância pois pode promover uma atenção maior para essa área, desenvolvimento de políticas públicas e propiciar instrumentos que auxiliam na qualificação dos profissionais de psicologia para demandas que se entrelaçam as questões de gênero ou são consequências de violências contra a mulher, seja física, moral, patrimonial ou psicológica.

Portanto, o objetivo deste estudo é analisar a violência psicológica contra a mulher e o fenômeno do *gaslighting* em relacionamentos heteronormativos na perspectiva de psicólogos que atuam nesse contexto, bem como compartilhar estratégias e experiências de atuação, a fim de promover maior especialização no serviço realizado por psicólogos ou outros profissionais da rede a mulheres em situação de violência.

2. METODOLOGIA

Participaram do estudo quatro psicólogas, que atuam ou atuaram em contextos de mulheres que vivenciaram relacionamentos heteronormativos conjugais perpassados por violência psicológica, independentemente da atuação ser clínica ou na rede socioassistencial no estado do Piauí, bem como foram utilizados como critérios de inclusão experiência profissional em Psicologia acima de 6 meses, que aceitaram os termos da pesquisa. É mister destacar que a Rede de Atendimento caracteriza-se pela integração de serviços especializados no atendimento das mulheres em situação de violência, os quais possuem expertise nessa temática (BRASIL, 2011). A coleta de dados ocorreu entre abril e maio de 2023, após a sua aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Piauí – UESPI/PI, sob parecer CEP/ de 5874472. Os participantes foram recrutados por meio do método *Snowball sampling* ou “Bola de Neve”, o qual é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência, ou seja, os participantes são convocados por indicação.

A metodologia adotada para realização do estudo desta pesquisa teve caráter exploratório, de abordagem qualitativa. Quanto ao procedimento de desenvolvimento do estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas de forma *on-line* ou presencial em que foram coletados dados sociodemográficos e percepções dos profissionais para elucidação do tema, através de serviço de comunicação por vídeo gratuito, Google Meet, sem a necessidade de instalação de programas ou armazenamento físico de dados. As entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo resguardado os direitos de sigilo. Foi utilizado como referência para a análise de dados o método de análise de conteúdo de Bardin (2011), assim, foi realizado um processo de organização e categorização das informações obtidas através dos relatos dos participantes da pesquisa. Ao final, o material das entrevistas foi transcrito e agrupado em unidades de sentido de acordo com o tema e a semelhança das respostas.

As participantes são apresentadas no quadro a seguir com nomes fictícios, a fim de preservar o direito de sigilo. Participaram da pesquisa quatro psicólogas que atuam ou atuaram na rede de enfrentamento, realizaram projetos ou atuam clinicamente com público de mulheres em contexto de relacionamentos perpassados por violência de gênero. O tempo de atuação diante dessa perspectiva varia entre 10 meses e 13 anos. Desse modo, foi possível coletar informações a partir de diferentes perspectivas.

Para além, os nomes fictícios escolhidos para representar as participantes foram inspirados em mulheres históricas. Para a participante 1, foi utilizada referência a Maria da Penha, a qual vivenciou a violência doméstica e se tornou um símbolo da luta em defesa dos direitos da mulher, bem como este foi escolhido devido ser um nome comum e simbólico na cultura brasileira. O nome da participante 2 foi inspirado em Nise da Silveira, psiquiatra brasileira que gerou transformações na área da saúde mental, defendendo a utilização de tratamentos humanizados a pessoas com transtornos mentais. Além disso, utilizou-se como referência para as participantes 3 e 4 mulheres da mitologia grega, a fim de simbolizar a historicidade, força e beleza da mulher, Atena, como deusa da guerra e da sabedoria e Perséfone, como deusa da agricultura e da vegetação.

	Contexto de atuação	Tempo de atuação com a demanda de mulheres em situação de violência	Tempo de formação e grau de formação acadêmica
Participante 1: Maria	Atuou na rede de enfrentamento em Centro de Referência, o qual é um programa municipal de acolhimento/atendimento psicológico e social, orientação e encaminhamento jurídico para a mulher em situação de violência e atualmente atende clinicamente mulheres em situação de violência.	5 anos de experiência com essa demanda	Especialista em Saúde Mental. Em média 7 anos de formação.
Participante 2: Nise	Atua na rede de enfrentamento em Centro de Referência, o qual é um programa municipal de acolhimento/atendimento psicológico e social, orientação e encaminhamento jurídico para a mulher em situação de violência.	Aproximadamente 5 anos de experiência com essa demanda	1 ano e 2 meses de formação. Possui pós-graduação em suicidologia.
Participante 3: Perséfone	Atua na Secretaria de Estado das Mulheres, em cargo de gestão. Também faz atendimentos clínicos e, durante a pandemia, realizou um projeto de trabalho clínico voluntário online para atender especificamente mulheres em contexto de violência. Além disso, desenvolveu pesquisa de mestrado	5 anos trabalhando com essa demanda.	6 anos de formação. especialização e mestrado em Psicologia

	de campo acerca da violência de gênero contra a mulher.		
Participante 4: Atena.	Atua no Núcleo de Promotorias de Justiça de Defesa da Mulher Vítima de Violência Doméstica e Familiar.	13 anos de atuação com essa demanda	18 anos de formação. Possui especialização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gaslighting e a violência Psicológica: Relacionamentos de controle, isolamento e manipulação.

As falas das psicólogas entrevistadas demonstram que nos seus cenários de atuação encontram de forma frequente, diversos contextos de violência psicológica e *gaslighting*. Sobre essa frequência, a participante 1, Maria, apontou que: “*Tipo de dez atendimentos que sofrem violência psicológica, sete sofrem gaslighting. É uma frequência muito alta, das que sofrem violência psicológica, a maioria sofre gaslighting.*” Ademais, todas as participantes pontuaram que já tiveram contato com casos de *gaslighting* ou comportamentos que possuem as características do mesmo.

A partir das informações obtidas com as entrevistas, observa-se que os relacionamentos nos quais ocorre a prática do *gaslighting* e de outras formas de violência psicológica possuem características como controle excessivo, isolamento, manipulação, muitos conflitos e comunicação violenta, unilateral, bem como são marcados pela presença de humilhação, constrangimento, xingamentos, seja no ambiente doméstico ou público, além de chantagens, ameaças e mobilizações na autoestima da mulher, especialmente nos aspectos que mais lhe afetam ou se apresentam como vulnerabilidades, conforme citado por Sarkis (2019). Também são comuns ameaças em relação aos filhos, familiares, ameaça contra a própria integridade física e possível solidão, caso haja o fim do relacionamento.

Características do relacionamento, tem muito controle, principalmente, a mulher ela tem pouca autonomia, autoestima baixa, um relacionamento muito baseado na manipulação, no controle excessivo e isolamento. São relacionamentos que já davam os primeiros sinais no início, então todos os relacionamentos que tem essa presença da violência, eles já iniciavam ali com

pequenos sinais, então o controle do celular daquela mulher, já restringia contato com as amigas (Maria, participante 1).

Xingamentos, humilhação, constrangimento, seja só o casal dentro de casa ou em público. Por exemplo, impedir a mulher de usar uma maquiagem ou uma determinada roupa [...] às vezes a mulher vai para casa da mãe e aí ele não deixa, ameaça, faz chantagem. Também no sentido de tocar no ponto da autoestima da mulher de dizer assim "ah se você me deixar você não vai encontrar outro homem", aí junto com vários tipos por exemplo assim "você é feia" "você não sabe falar direito" "Você é burra" (Nise, participante 2).

Essas falas também evidenciam características percebidas nesses relacionamentos a partir do olhar e escuta das profissionais entrevistadas, destacando a vulnerabilidade emocional, o comprometimento da autoestima e a reduzida autonomia. Ademais, os discursos das entrevistadas, de forma semelhante, convergiram em relação aos mecanismos utilizados em contextos de violência psicológica, os quais podem intensificar as suas consequências e dificultar a quebra do ciclo, sendo ressaltados o isolamento e o controle de diversos aspectos da vida desta mulher.

Diante disso, percebe-se que no cenário hodierno, essas práticas ocorrem por meio de vigilância contínua, restrições e monitoramento em relação a vários aspectos, especialmente quanto aos aparelhos telefônicos e redes sociais, utilizados como facilitadores de contato entre pessoas. Conclui-se que o isolamento e o controle são mencionados na literatura estudada, porém o controle do celular e redes sociais foi uma informação inovadora, assim, produz-se um dado científico de um evento conhecido, associado ao contexto atual.

O primeiro sinal é o isolamento da rede de apoio, da rede familiar afetiva, de amigos, de família e principalmente, no nosso contexto atualmente, controle do celular, das redes sociais, dos contatos que ela possui (Maria, participante 1).

Desse modo, a partir dessas práticas de controle, as mulheres passam a não possuir outros referenciais de comportamento, tratamento, comunicação, bem como passam a não pertencer mais a outros contextos que não sejam perpassados pela violência ou controlados pelo agressor. Quanto ao *gaslighting*, evidenciou-se a partir das entrevistas o seu caráter contínuo e sistemático, corroborando com a literatura abordada. Além disso, destaca-se que os impactos da manipulação são profundos, uma vez que promovem a perda de identidade própria da mulher.

Elas chegam dizendo frases inteiras que o agressor fala como se fossem elas, então elas chegam dizendo “porque tudo que eu faço é ruim”, “nenhuma coisa que eu faço é boa” das coisas mais gerais, dos afazeres domésticos, do trabalho. A gente sabe que é uma fala do agressor (Maria, participante 1).

Assim, inicia-se um processo no qual a mulher passa a reproduzir comportamentos e opiniões ou agir conforme o que é estipulado pelo manipulador. Por conseguinte, pode-se inferir que suas próprias percepções, valores e vontades passam a não ser o principal referencial, sendo frequentemente questionados, passando a ser necessário a validação ou comprovação do parceiro. Nesse meandro, a participante 1, Maria, afirma: *“Então ela passa a pensar, a sentir e a viver como ele diz.”*

De modo análogo, Perséfone faz referência ao termo “discurso do cuidado”, a partir do qual se justificam atos que possuem o intuito de manipular, controlar e reprimir a mulher, ou seja, o discurso é distorcido para a mulher acreditar que são atos de amor.

A comunicação que é essa do discurso do cuidado, que vai manipulando a mulher através de carinho “tô cuidando de você, eu tô fazendo isso, estou falando isso para cuidar de você” e “não fala isso para sua mãe”; “pare de sair com suas amigas porque elas vão acabar com nosso relacionamento, elas vão ficar minando coisas sobre nosso relacionamento”. Por aí vai se desviando a forma que essa mulher se reconhece (Perséfone, participante 3).

Desse modo, é possível refletir que a cultura patriarcal influencia nas concepções de amor que construímos ao longo da história. Como consequência, dificultam a percepção de atos de controle e manipulação pelas vítimas como um tipo de violência. De acordo com Hooks (2021), o amor, como uma vontade de nutrir o próprio crescimento pessoal e de outra pessoa, não pode estar presente em cenários ou relações de abuso, negligência pois são opostos ao conceito de cuidado. Apesar de tal perspectiva parecer facilmente aceitável, no cotidiano é possível perceber a ideia de que pessoas que abusam, mentem e negligenciam o fazem porque ainda amam. Essa é uma percepção que necessita ser alterada.

Atuação e contribuições do psicólogo(a): Vida, além da sobrevivência

Primeiramente, é indubitável a relevância, especificidade e complexidade do atendimento às mulheres em situação de violência de gênero, em especial, violência psicológica, pois geralmente elas não reconhecem as situações vivenciadas com os parceiros como violência. Diante disso, a atuação do psicólogo deve ser pautada na percepção de que as

mulheres têm autonomia e poder para mudar o processo e a situação de violência na qual se encontram, para isso o profissional deve favorecer as condições para que elas superem essa circunstância, considerando as especificidades e particularidades de cada contexto sociocultural (CFP, 2012). Nessa perspectiva, quanto a compreensão da autonomia da mulher, Nise, participante 2, discorreu sobre a estimulação dessa autonomia, inclusive utilizando o próprio processo terapêutico para isso, como pode ser percebido pela sua fala:

Elas conseguem entender que elas são responsáveis pelo cuidado delas, sempre busco o comprometimento delas para que elas percebam que é importante para elas, para que elas se sintam realmente responsáveis pelo autocuidado delas, para que elas mesmas percebam que estão melhorando, que estão evoluindo. Então vem muito isso de trabalhar a corresponsabilização da mulher, dela se sentir responsável por ela mesma e dela ser protagonista do processo de cuidado, dela se sentir protagonista e ativa no processo dela (Nise, participante 2).

A psicóloga entrevistada faz referência ao incentivo à autonomia dessa mulher de forma ampliada, até mesmo para que ela possa se sentir capaz de decidir, inclusive sobre como deve ocorrer o processo do seu acompanhamento psicológico, qual o intervalo de tempo necessário entre os atendimentos, como ela está se percebendo, quando finalizar, quando retornar. Para tanto, é imprescindível que o psicólogo supere as noções fixas, normativas e dualistas de gênero, as quais são produtos culturais e políticos, formados por relações de poder (CFP, 2012).

O rompimento de um relacionamento violento também pode ser um processo difícil e doloroso, uma vez que os sujeitos também sofrem a perda de sonhos e expectativas em relação ao casamento, família e até sobre si mesmos, o que também provoca medo quanto às mudanças e ao novo. De modo semelhante, Nise, participante 2, menciona o olhar atento aos fatores de permanência daquela mulher no relacionamento para direcionar sua intervenção para esses fatores.

Se for uma questão de dependência afetiva, o que é que tem na história dessa mulher que eu preciso trazer para a consciência que está associada a essa dependência afetiva, quais os ganhos secundários que ela está tendo no contexto dessa dependência afetiva. Eu vou trabalhar isso porque a dependência afetiva não é uma coisa padronizada, para uma mulher tem um significado, para outra tem outro significado (Nise, participante 2).

Desse modo, reconhecer as idiossincrasias do contexto de violência psicológica é fundamental para encorajar a mulher no redirecionamento de novos projetos de vida e ressignificação dos processos de humilhação perpetuados após o rompimento do ciclo da violência. É necessário compreender a história, a conjuntura, os significados e os sentimentos associadas ao contexto de violência; isso se constitui como uma diretriz fundamental para a atuação da(o) psicóloga(o) no atendimento à mulher em situação de violência (CFP, 2012).

O psicólogo deve auxiliar a mulher a desenvolver condições para evitar ou superar a situação de violência, a partir do momento em que favorece o seu processo de tomada de consciência, bem como pode oferecer informações sobre a rede de atendimento para construir juntamente com a mulher um plano de enfrentamento à violência (CFP, 2012). Nesse contexto, os profissionais psicólogos enfrentam o desafio de lidar com uma realidade complexa e multifatorial associada à situação da violência de gênero, como o consumo de bebidas alcoólicas, infâncias tanto das vítimas quanto dos agressores marcadas por violências, naturalização da violência como forma de comunicação na cultura brasileira, bem como dependência financeira e afetiva dos parceiros (Santos, Oliveira, 2018). Nas quatro entrevistas realizadas, ficou evidenciada a importância de promover a percepção da mulher sobre a violência, especialmente a partir da psicoeducação como pode ser verificado pela fala de Perséfone, participante 3:

No processo terapêutico, uma coisa imprescindível é ter psicoeducação, porque essas mulheres precisam tomar consciência do que é a violência e da violência que elas estão sofrendo. Então, nesse sentido, eu utilizo muito psicoeducação, inclusive explicando a nossa história, cultura, como começou tudo isso, o que a sociedade impõe.

Todas as entrevistadas enfatizaram a importância da articulação com a rede por meio de encaminhamentos para acesso a outros serviços. Nessa perspectiva, trabalha-se como as políticas públicas possuem papel fundamental na redução de riscos para essas mulheres e para mitigar a violência de gênero. Segundo a P1, Maria, “é uma atuação que precisa desse tripé: acolhimento, ampliação da concepção e articulação da atuação em rede, porque não é só um profissional que vai resolver essa situação”. Diante disso, é mister que as políticas públicas propiciem e facilitem o acesso dessas mulheres ao atendimento ou acompanhamento psicológico, bem como que sejam efetivamente amparadas por todos os serviços necessários acerca de garantia de habitação, escolas e creches para os filhos, segurança, renda, profissionalização e demais possibilidades.

A atuação precisa articular redes públicas, independente se é na clínica ou centros de referência a gente não pode atender a mulher isoladamente a gente precisa articular políticas de segurança, justiça, de emprego e renda, de economia financeira de possibilidades para que essa mulher saia e rompa com esse ciclo da violência. Então é uma atuação que exige do profissional uma expertise, não podemos nos fechar num atendimento único terapêutico ele precisa ser mais amplo e ele é cíclico, ele vai circulando bastante junto com a mulher. Tem horas que ela vai fugir do atendimento, tem horas que ela vai voltar pro atendimento, exige muita segurança por parte do profissional (Maria, participante 1).

De acordo com Santos e Oliveira (2018), os profissionais psicólogos atuam e contribuem frente à situação da violência doméstica através do acolhimento, escuta, orientação e acompanhamento psicológico para que as vítimas criem estratégias para superação desta situação em seu cotidiano. Segundo Chagas e Martins (2022), mencionam que, no caso da violência psicológica, as mulheres também necessitam de atendimentos especializados, entre eles o psicológico, para a elaboração de estratégias que possibilitem o seu empoderamento, que se relaciona à capacidade de tomarem suas próprias decisões e terem o controle de suas vidas, reconstrução da sua autoestima e superação do sentimento de vergonha, predominante nesses casos.

Ao final das entrevistas foram obtidos resultados semelhantes aos dessas pesquisas, percebe-se que o trabalho do psicólogo junto às mulheres em contexto de violência doméstica, seja no cenário clínico ou da rede de atendimento, é abrangente. Desse modo, envolve o acolhimento com base na escuta sem julgamento, avaliação de risco a partir de instrumentos, abordagem de aspectos na história da mulher que se relacionam com o momento presente de violência, suporte no processo de identificação da situação da violência pela própria mulher, acolhimento das expressões de emoções e sentimentos que geralmente são reprimidas nos contextos sociais, busca pela ampliação da consciência, construção de projeto de vida nos diversos âmbitos necessários para a retomada da autonomia da mulher, desenvolvimento da autonomia dessa mulher, articulação de políticas públicas e encaminhamentos para a rede. Esses objetivos podem ser alcançados por meio de intervenções individuais e coletivas, como psicoeducação, grupos de oficinas, escuta, aconselhamento ou articulação de providências legais.

Em relação às contribuições quanto à proteção da mulher, uma das entrevistadas menciona a redução do risco de sofrer novas violências, constatada muitas vezes através da utilização de instrumentos de avaliação de risco, como por exemplo, o Formulário Nacional de Risco e Proteção à Vida (FRIDA), o qual foi desenvolvido com a parceria entre Conselho

Nacional do Ministério Público (CNMP), Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). O instrumento traz perguntas cujas respostas indicam, de forma objetiva, o grau de risco em que a vítima se encontra (BRASIL/CNMP, 2019). Nesse sentido, Maria, mencionou:

O risco chega a ser elevado, como ela vai percebendo, vai tomando atitudes, vai conseguindo ampliar a rede social dela de novo para se sentir mais segura. Então a gente vai vendo que o risco que era inicialmente grave, vai diminuindo para médio e depois para baixo (Maria, participante 1).

As profissionais entrevistadas relataram que as mulheres atendidas por elas que buscaram a rede de referência e realizaram acompanhamento psicológico não sofreram feminicídio e conseguiram romper com o ciclo da violência e, até mesmo, não retornaram para o relacionamento com os agressores. Tal informação pode ser ratificada pelas seguintes falas: “Então a gente tem esse dado que a atuação profissional possibilita a saída da mulher da situação de violência. Por exemplo, na realidade do centro de referência nenhuma mulher acompanhada sofreu feminicídio” (Maria, participante 1). A participante 4, Atena, complementa: “Todas que passam pela rede tem ampliada essa possibilidade de desvinculação e a gente consegue perceber nelas algumas mudanças gradativas”.

Através dos resultados obtidos, nota-se que ocorrem mudanças nos aspectos psicológicos, sociais e na rotina dessas mulheres que geram impactos e transformações em suas vidas, pois promovem a construção de novas perspectivas e sentidos. Dessa forma, elas não só sobrevivem, mas apresentam melhorias na sua qualidade de vida a partir de novos hábitos ou retomadas de planos, projetos e perspectivas que foram interrompidos pelos relacionamentos abusivos.

Nesse sentido, as participantes relataram que identificam a retomada de projetos de vida, especialmente nos âmbitos da educação e das finanças, como por exemplo, retornam para a escola, realizam cursos, buscam empregos, além disso desenvolvem autocuidado, apresentam melhorias quanto aos cuidados dos filhos, quanto à qualidade do sono e de sintomas de depressão, também são percebidas alterações no reconhecimento de si, melhora do humor. Para além, ocorrem melhoras no convívio social dessa mulher, uma vez que elas começam a participar de grupos de mulheres, praticar exercícios físicos e voltar a fazer parte de ações na comunidade, retomando vínculos sociais. Para complementar, Nise, participante 2 destacou:

Inclusive hoje mesmo recebi retorno de algumas mulheres que estava acompanhando há certo tempo e já estava percebendo evolução e hoje recebi retornos mais objetivos, do tipo a mulher conseguir se ver de outra forma, de conseguir chorar e esse choro ter um outro significado para ela, de não ser um choro tão sofrido. Hoje, eu ouvi algumas falas, como por exemplo, “hoje eu estou conseguindo dormir”, “eu não estou mais tendo pesadelos”, de estar menos irritada”.

Ademais, a psicologia com intervenções psicoterapêuticas promove a redução do sofrimento psicológico, melhorando a qualidade de vida dessas mulheres. No processo de intervenção com foco na psicoterapia, esse profissional possui a possibilidade de ampliar a consciência da vítima quanto às violências perpetradas pelo agressor, tanto em relação à negação quanto à contenção de experiências. Além disso, a partir do empoderamento da mulher, essa pode modificar ou sair da situação de violência, retomando seus desejos e lutando pelos seus direitos que estavam sendo negados (Chagas, Martins, 2022). De modo semelhante, Maria, participante 1, relatou: “Então ela volta a estudar, realiza os cursos, busca empregos, essa mulher passa também a ter autocuidado, então ela passa a cuidar mais do corpo, da saúde, dos filhos”. A partir das entrevistas, nota-se que a possibilidade de um acompanhamento contínuo aumenta as possibilidades de autopercepção e melhorias na vida dessas mulheres.

Portanto, essas mulheres passam a ocupar novos espaços a partir do processo de autoconhecimento e fortalecimento de si através do acompanhamento e intervenção psicológica. Nise, participante 2, evidencia que, a partir do acompanhamento psicológico, mesmo nos casos onde a questão jurídica não foi resolvida ou não ocorreu mudanças no processo, ainda são percebidas transformações no aspecto emocional dessa mulher. Como pode ser corroborado pela fala:

O problema continua só que ela olha de outra forma para o problema, ela já consegue dormir, ela consegue comer, ela consegue sair da cama e trabalhar, ela consegue vir para os atendimentos, porque às vezes, quando a mulher estava em uma situação de muita fragilidade ela tinha dificuldade de vir até para o atendimento (Nise, participante 2).

Destarte, foi apontado que o acompanhamento psicológico auxilia no desenvolvimento da resiliência dessa mulher, inclusive fomentando capacidades e possibilidades para que ela desenvolva seus próprios mecanismos de empenho para lutar por seus direitos. Ou seja, o âmbito psicológico também acarreta maiores possibilidades de conquistas ou movimentações no aspecto processual, legal ou jurídico.

Porque às vezes ela não tem forças para lutar pelos direitos delas. Então quando elas conseguem estar mais resilientes isso ajuda para que elas consigam ir lá na defensoria e dizer ‘eu tenho esse direito e vim aqui para resolver meu problema’. Então elas já conseguem resolver coisas que não conseguiam antes, já conseguem ter planos (Nise, participante 2).

Desse modo, as entrevistas demonstram que a Psicologia contribui significativamente para a proteção e redução dos danos no contexto das mulheres em situação de violência. As entrevistas apresentam uma compreensão quase unânime de que há grandes transformações com o processo terapêutico pela possibilidade de ser ouvida e se apropriar ou reapropriar da sua voz, que é negligenciada e enfraquecida no relacionamento com violência psicológica, como evidenciado por Perséfone, participante 3:

Com o processo terapêutico, elas conseguem se sentir ouvidas. Porque dentro do relacionamento violento todos os pensamentos dela eram negligenciados, todos os sentimentos dela eram negligenciados e quando ela encontra um processo em que ela é plenamente ouvida, em que ela não é julgada, em que ela não é duvidada, e que os seus sentimentos não são colocados em questão, principalmente, que ela não é diminuída, ela consegue voltar a ter um pouco de autonomia sobre si.

Outrossim, a atuação do psicólogo na rede contribui para uma participação mais efetiva das mulheres em situação de violência no seu próprio processo de superação, ressignificação ou busca por direitos devido ao potencial de ampliação do poder de fala dessas mulheres ao encontrarem espaços de fala, escuta empática e validação dos seus sentimentos.

4. CONCLUSÕES

Considera-se que esta pesquisa alcançou os objetivos estipulados, uma vez que ampliou discussões e a compreensão acerca dos mecanismos, características e impactos do *gaslighting* e da violência psicológica contra mulheres. Ademais, as falas das entrevistadas permitiram realizar uma caracterização da atuação do psicólogo no contexto de atendimento às mulheres em situação de violência psicológica e refletir sobre as possibilidades de intervenções desses profissionais em diferentes campos de atuação.

Ressalta-se que a pesquisa corrobora as contribuições do atendimento psicológico para o rompimento do ciclo da violência, proteção da integridade física e psicológica dessas mulheres e promoção da qualidade de vida delas, por meio da ressignificação de pensamentos e sentimentos, construção de novos hábitos, retomada de projetos de vida, incentivo à autonomia da mulher, e reconstrução da própria identidade.

O estudo também demonstra a importância da articulação entre serviços e inserção do psicólogo na rede intersetorial, tendo em vista a ampla possibilidade de contribuições desses profissionais no contexto de violência de gênero. Por fim, espera-se que o estudo contribua para a atuação de profissionais de diversas áreas que lidam com esse contexto, especialmente, para a atuação dos psicólogos, promovendo um maior desenvolvimento do repertório técnico destes, e conseqüentemente, um atendimento mais qualificado e humanizado às mulheres.

Evidencia-se que este estudo não se encerra aqui ou tem a pretensão de esgotar o tema, uma vez que se trata de temáticas atuais e complexas. Reconhece-se que uma limitação deste estudo é o tamanho reduzido da amostra, a qual se justifica devido às restrições de tempo, recursos logísticos e financeiros disponíveis para a fase de coleta de dados. Contudo, dado o caráter qualitativo desta pesquisa, o número limitado de participantes é compatível com a necessidade de profundidade e complexidade de análise do conteúdo das entrevistas. Sugere-se, portanto, que futuras investigações, com maior disponibilidade de recursos, busquem expandir estes achados com uma amostra mais ampla.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Formulário de avaliação de risco FRIDA: um instrumento para o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher**. Brasília: CNMP, 2019. disponível em: <https://www.cnmp.mp.br/portal/publicacoes/12757-formulario-de-avaliacao-de-risco-frida>

_____. **Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 17 jun. 2022.

_____. **Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/14188.htm>. Acesso em : 17 jun. 2022

_____. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2011.

CHAGAS, Adriele Pureza; MARTINS, Maria das Graças Teles. Fenômeno *Gaslight*: da manipulação psicológica ao empoderamento feminino. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 579–596, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i3.4617. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4617>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência.** Brasília, CFP, 2012. Disponível em: <http://crepop.pol.org.br/wp-content/uploads/2013/05/2013-05-02b-MULHER.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 02 de nov. 2025

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** Tradução Stephania Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

JIMÉNEZ, Jaime Sebastián Galán; VARELA, María del Rocío Figueroa. Gaslighting. La invisible violencia psicológica. **Revista Uaricha de Psicología**, vol. 14, no. 32, p. 53-60, maio de 2017. Disponível em: <http://dspace.uan.mx:8080/jspui/handle/123456789/2062>. Acesso em: 01 dez. 2022

KOSAK, Mirian Maria; PEREIRA, Deivdy Borges; INÁCIO, Adriele Andreia. “Gaslighting e mansplaining: As formas da violência psicológica.” In: V SIMPÓSIO GÊNEROS E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2018, v. 5, Londrina. Anais do V Simpósio Gêneros e Políticas Públicas. p. 251-262

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de; DENINGER, Layza de Souza Chaves; COELHO, Hemílio Fernandes Campos; MONTEIRO, Alisson Cleiton Cunha; VIANNA, Rodrigo Pinheiro de Toledo; NASCIMENTO, João Agnaldo do. Analysis of the cycle of domestic violence against women. **Journal of Human Growth and Development**. Dev. 26(1): 139-146. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119238>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SANTOS, Greyce Camila dos; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. **Contribuições e Desafios do Profissional Psicólogo Frente ao Cuidado e Proteção de Mulheres Vítimas de Violência.** São Miguel do Oeste, 2018. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas-a-partir-de-2018/ciencias-da-saude/especializacao-2/646-contribuicoes-e-desafios-do-profissional-psicologo-frente-ao-cuidado-e-protecao-de-mulheres-vitimas-de-violencia/file>. Acesso em: 21 mar. 2019.

SARKIS, Stephanie Moulton. **O fenômeno Gaslighting: a estratégia de pessoas manipuladoras para distorcer a verdade e manter você sob controle;** tradução Denise de Carvalho Rocha. São Paulo, Cultrix, 2019.

SOUZA, Cristina Pereira de. **Gaslighting: “Você está ficando louca?”** As Relações Afetivas e a Construção das Relações de Gênero. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/179502>. Acesso em: 16 jun. 2022.

STERN, Robin. **The Gaslight Effect: How To Spot And Survive the Hidden Manipulations Other People Use To Control Your Life.** New York: Morgan Road Books, 2007.

WALKER, Lenore E. **The Battered Woman.** Nova York, Harper & Row, 1979